

ESPHYNGE

Tradição e Maçonaria

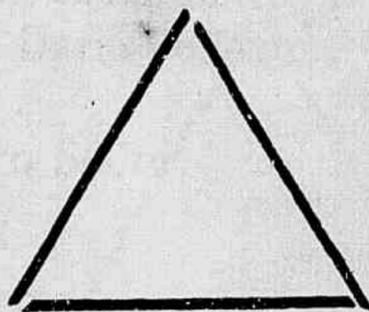
Scientia Occulta

DIRECTOR

Dario Vellozo

Tomo III

1904



Coritiba

1904

INDICE

1904

Dr. Henrique Valladares, Dario Vellozo	2
A Roza-Cruz maçonica, Papus	12
A Sciencia Maldicta, Vivaldi Coaracy	13, 74, 100, 163
Da Emancipação da Consciencia, Leite Junior	17
Universalidade do catholicismo, Solanot.	24
Jesuitas e rei na America do Sul, Lopes da Gama.	25, 77
Ordem Martinista, Dario Vellozo	33
Dos Symbolos e sua traducção, Papus	43
A Lei do Porvir, Boué de Villiers	45
Raças Aryanas do Perú, F. de Basaldua	49
Da Religião, Ferdinand Buisson	53
Pelo Dever !, Dr. Trompowski Taulois	65, 95
Chave dos graos symbolicos, Papus	72
Paraná Civico, Dario Vellozo	89
Congresso Maçonico (Rio, Maio)	91, 142
Questão de limites, Dr. Azevedo Macedo	104
Waldeck-Rousseau	113
Americanismo e Egreja romana	119
Sciencias Occultas, Pedro d'Able.	122
O Positivismo, Magnus Söndahl	126
A' sombra da Acacia, Dario Vellozo	153
Pensamentos	82, 171
A familia do Dr. Lauro Sodré.	169

Litteratura :

Recuerdo, Romeo Balster	83
Extranho philtro, Dario Vellozo	138
Theurgo, Dario Vellozo.	172

Argus :

Imprensa.	28, 64
Historia de um fogo morto, José Caldas	28
O contestado Norte, Dr. Ermelino de Leão.	28
Viriatho, Theophilo Braga.	29
Kosmos, Dr. Mario Behring	29
O Diabo e a Egreja.	30
Concile Gnostique de Toulouse.	30

IV

Agua occulta	30
Congraçamento maçónico.	31
Templo do Sol na Bolivia.	31
Marechal Valladares	32
Espiritismo e Theosophia	55
Dr. Sampaio Marques	56
Interessante caso de telepathia.	57
Atlantida	58
Resurreição	58
Azylo Henrique Valladares.	59
Aug.: Luz Invizivel.	60
Nharakatiá	60
Nahuas	61
Kaigangues.	62
O Echo da Imprensa	62
Cura da tysica	62
No Egypto	63
O clero e a Republica	64, 139
Os Incas em Missões	84
Culto do Fogo no Perú	84
Arvore da garôa	84
Conhecimento do ferro pelo autochtone	85
Os jesuitas	85
Os frades, Padre José Maria do Nascimento	86
Kepi e batina	139
Enterro e Noivado, Paulino Brito.	140
Bilhetes, Lapis	140
Gr.: Or.: do Brazil	145
Missão Maçonica	146, 174
Directorias de LLoj.: do Paraná	147, 173, 174
No Extrangeiro (clericalismo)	175
Archivando, Bolimbolacho (<i>Der Kompass</i>)	177
O ultramontanismo em a Republica	178
Fructos do clericalismo.	179
ESPHYNGE	139, 180

SUPPLEMENTOS

A' Infancia :

- Natal.
- Saudade.
- Mascarado.

Boletim da Delegacia.

No Solio do Amanhan (romance original).

O 15 de Novembro, Julio Pernetta.



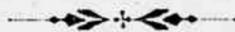
MYSTERIO

Director: DARIO VELLOZO

ESPHYNGE

Orgam da Aug.: e Resp.: Loj.: *Luz Invizivel*

Sob os AAusp.: do Gr.: Or.: do Brazil



Signos: *Aquarius, Pisces* -1904—Anno VI †
N. os 1 e 2.

✿ Coritiba—PARANÁ—BRAZIL ✿

Aos Srs. Collaboradores e

Assignantes,

Salve !

Coritiba, 1, 1-1904.



INICIÁTICA

Dr. Henrique Valladares ⁽¹⁾

Senhores !

-- E' no solio das Transformações e das Metamorphoses que a palavra apagada e humillima do orador pretende acordar um echo, uma prece,—pallida, mas sincera homenagem, ao bello perfil maçonico do Dr. Henrique Valladares, Gr.: Mestr.: Adj.: do Gr.: Or.: do Brazil.

No solio das Transformações e das Metamorphoses, vos disse ;—sim ! que tal é o solio augusto e austero da Morte.

Vem de longe, senhores, o preito aos que se partem para o Alem, pelos que se ficam, debruçados á beira de um tumulo, inquirindo o *Grande Mystério*; vem de longe, senhores, a interrogativa que se delinea á beira de um berço, quando sorrimos para esta existencia; que nos segue atravez das linhas rectas ou sinuosas da infancia, da mocidade e da decrepitude; —e fica,—intangida,— a pairar sobre as lousas, como um santelmo, a perguntar-nos, senhores, se a cova é o anniquilamento, ou a *bári* de Isis, levando-nos a seo bordo aos archipelagos distantes que os astros florescem no Infinito!

— Fim e principio, anniquilamento e renascença, crepusculo e aurora, morte e vida, a cova, senhores,

(1) *Oração funebre*, lida em o Templo da Ben.: *Fraternidade Paranaense*, em sess.: convocada pelas LLoj.: da Capital, sob a Presidencia do Major José Carvalho de Oliveira, Deleg.: do Gr.: Mestr.:,—em a noite de 11 de Dezembro de 1903, 33.º dia do passamento do Marechal Valladares.

parece a um tempo desagregar o corpo nas transmutações do *ephemero*, e partir os elos do espirito que é fluido, essencia, e se evola, nas affinidades do *Eterno*.

Em a remota e sabia Antiguidade, apoz estudos e pesquisas que levariam seculos, os sacerdocios dos collegios iniciaticos do Egypto e da Kaldea, da India e da Persia, do Perú e do Mexico, da Celtida e da Etruria, assentaram corpo de doutrinas que a tradição autorizava, a experiencia impunha e a logica applaudia.

Era corrente a constituição trinitaria do homem: *corpo ephemero, duplo desintegravel, anima immortal...* Infelizmente, senhores, a luz dos Grandes Mystérios empallideceo, os adeptos, olvidada a missão grandiosa, assimilaram o viver commum, perderam as faculdades psychicas, perderam as chaves da Theurgia!... Apoucados, não podendo manter o fulgor dos Magos, procuraram, pelo sophisma e pela fraude, guardar o prestigio que de facto perdiam...

Então, senhores, foi como se a morte dos deozes eclipsasse a mentalidade humana. E os sabios, alheios á tradição, não querendo acceitar em confiança a veracidade de phenomenos e doutrinas que a experiencia e a analyse já não demonstravam,—negaram, do alto das cathedras, ensinamentos archaicos, repellindo como *superstições, tresvarios e infantilidades* de epochas de ignorancia os ultimos vestigios da Sciencia Esoterica, astros morrentes, affirmando, nos derradeiros lampejos, a existencia remota de esplendidos centros de Verdade e Luz.

Mas, senhores, a interrogativa ahi vinha, travez dos seculos, — santelmo a pairar sobre lousas... E a Gnose e a Roza-Cruz, em toda a idade-medieva, reconstituídos alguns elos da cadeia symbolica, debilmente, em surdina, continuavam de affirmar a immortalidade da alma.

A victoria da Encyclopedia, ao expirar do seculo

Republica em 1867, seguindo a carreira das armas que honrou sempre. Engenheiro, illustrado e criterioso, desempenhou-se de todas as commissões para que foi designado, fazendo-se mais e mais digno da estima dos companheiros e da confiança dos superiores e do governo. Já enfermo, se não recuzou seguir para o Acre, em commissão para que fôra designado, consagrando todas as suas actividades no bom desempenho da missão delicada. Então, ganhou os bordados de general, como um galardão a seos serviços, — ultimos que o illustre brasileiro prestava á Patria estremecida.

Muitos outros titulos o recommendam á admiração e applausos dos homens de boa vontade.

De outras muitas commissões se houve com indiscutida competencia e real criterio. Foi instructor e fiscal do corpo de alumnos da Eschola Militar, mais tarde commandante da mesma eschola e da de Porto Alegre, lente de tactica e estrategia da Eschola Militar do Brazil.

Propagandista dos ideaes libertarios, bateo-se pela Abolição e pela Republica. O 15 de Novembro de 1889 encontrou-o á frente da brigada de academicos, sob as ordens do inclito Marechal Deodoro da Fonseca.

Na vida civil teve a mesma conducta superna de militar :—devotou-se á causa da Humanidade, espozando os bellos ideaes que são alpha luminoso dos espiritos de elite.

Iniciado em 24 de Junho de 1874, na Loja Cruzeiro do Sul 2.^a, ao Oriente de Uruguayana, consagrou-se com amor e carinho á Maçonaria, prestigiando-a como bom obreiro, honrando-a com sua conducta, enaltecendo-a com sua dedicação, exaltando-a com seu entusiasmo.

Toda sua vida Maçonica é apostolado superno, é exemplo dignissimo.

Honrava-se com os titulos maçonicos ; honrava a

ordem, na evidencia honesta e proba em que se collocava, já pela correcção com que agia na sociedade profana, já pela bondade de suas acções, já pelos dotes do coração e do espirito.

Não se poupava esforços para levantar os credits da Sublime Instituição: — Templario e Roza-Cruz a um tempo, defendia a Ordem com vigor e brio, ou fosse combatendo na brecha como simples soldado, ou fosse dirigindo a acção como habil estrategico.

Mais lhe florescia dotes intellectuaes, e novos brilhos emprestava ao Templo. Sua vida maçonica, — desde o inicio até o termo, — é uma só batalha, intensa e rutila, em prol da causa que fizera sua. Não desfiavelou o elmo, nem largou o montante, sereno e impassivo, — em cada recontro colhendo novos louros que eram outros tantos tropheos levados aos sanctuarios dos architectos de Hiram. Nunca o animo se lhe intibiou, nem se lhe marejou a esperanza, inda quando o numero dos companheiros parecia diminuir e avultava o numero de contrarios. E' que se batia por um ideal, tinha plena consciencia de seos deveres, não olvidava a palavra empenhada em prol da Consciencia e da Justiça, nem tinha por letra morta os ensinamentos generosos dos Rituaes magnanimos.

E' que, acima dos jubilos fugaces da vida ociosa, collocava o interesse dos povos, o dever de caridade para com os opprimidos, a educação da infancia e da juventude de accordo com a civilização e com o progresso, o prestigio da Ordem, o amor da Patria e da Familia.

E' que o seo perfil de paladino fôra vasado no molde dos fortes que se não dobram, dos dignos que se não curvam!

Subira ás espheras sociaes á custa de seos meritos; não mendigara honrarias, não avillanara o character em troca de posições: — podia fitar os homens frente a

frente, bater-se por seos ideaes, erguida a vizeira, a face altiva !

Sua actividade maçonica é exemplo que os architectos de Hiram não devem olvidar.

Nunca se houve por pago para com a Ordem, embora a exaltasse com assignalados prestimos.

Não teve decepções, porque não tinha usuras; accitava os titulos com intima sympathia; mas, não trabalhava para receber applausos e recompensas. Trabalhava, sim, por um dever que se impuzera, e no dever cumprido encontrava um galardão mais precioso e mais nobre.

A morte veio encontral-o, a 8 de Novembro de 1903, Grão Mestre Adjuncto da Ordem no Brazil.— Era o mesmo entusiasta de 1874.

—E' seo mais grato elogio!

Benemerito de diversas Lojas, representante da Loja Egypcia no Grande Oriente, Grão Mestre Honorario, — o Marechal Henrique Valladares não esquecia que os direitos maçonicos são eguaes, e a differença de graos, longe de estabelecer soluções de continuidade na cadeia maçonica, impõe, aos que possuem graos mais elevados, deveres mais rijidos, mais fervorosa fraternização, mais cohesiva solidariedade.

Dahi a sagração expontanea que mereceo de quantos lhe conheciam os bons sentimentos, os dotes intellectuaes, as nobres qualidades. Todos correram pressurosos ao lar enlutado, firmando assim, nos protestos da magoa, as homenagens da estima.

Como militar, como civil, como architecto de Hiram, — recebeo tributos inequivocos do quanto era querido e amado.

A familia, amigos, camaradas, Lojas maçonicas, cobriram-lhe o feretro de grinaldas; todos feriram a enternecedora nenia do pranto.

Duas scenas, de adoravel relevo, esmaltam de tons indeleveis a derradeira homenagem ao Marechal Henrique Valladares :

Uma, fulge na attitude da Eschola Militar ante o esquite do mestre ; outra, se insculpe em o gesto aristocratico de Quintino Bocayuva.

Quando o prestito entrava a rua *Voluntarios da Patria*,—nome que é symbolo de abnegação e heroismo,—os alumnos da Escola Militar tomaram ás mãos o esquite, levando-o até a sepultura.

Esse acto, rutilo e grandioso em sua eloquencia tacita, evidencia e recorda as tradições daquella Eschola, tão generosa e magnanima, apparecendo sempre com brilho para homenagear o merito, como um interprete incorruptivel dos sentimentos supernos da terra brazileira ! Dir-se-hia, senhores, paira sempre sobre aquella Eschola, inspirando-a,—genio resplandorado e amigo, — o espirito immortal de Benjamim Constant ; dir-se-hia, senhores, aquella idolatrada Eschola procura orientar-se para a Patria, modelando-se na armadura do *Marechal de Ferro* !

Quem a conhece, —aquella Eschola altiva e insubmissa, que tem sido baluarte de civismo e brio nacional ; quem a conhece, — superior a interesses e preconceitos, vibrante e sincera, -- pode avaliar, senhores, toda a grandiosidade daquelle acto que vale esplendida apotheose ! Edeficante demonstração publica do quanto soube ella comprehender a estatura do brazileiro que orientou o sentimento patrio, harmonizando-o com o amor da Humanidade !

Quintino Bocayuva, o Grão Mestre da Ordem, o fino perfil esthetico de principe do jornalismo sul-americano ; o propagandista cujo nome ouvimos repetido com amor e esperanza, nos serões do lar, á mesa de estudo e trabalho, naquelles tempos de illusão feerica e entusiasta, em que a Republica era como synonymo

de renascença intellectual e moral, social e economica; o doutrinador impeccavel que nos dias crueis das reacções não maculou as luvas brancas com que tomava da penna para orientar os espiritos e fortalecer as almas; Quintino Bocayuva, quando o esquife baixava á sepultura, num gesto inexprimivel, deixa cahir, num adeos sem palavras, uma *rosa branca*, orvalhada de lagrimas, que vae desapparecer na mesma tumba onde o corpo do antigo camarada, do amigo, do irmão, desapparecia agora para todo o sempre.

Uma *rosa branca*, senhores! Incruento symbolo de sciencia e paz, era como um voto de amor fraternal para que se evolasse ao alem o espirito daquelle que tanto brilhara pelo coração e pelo espirito.

Era um *adeos*!—encerrando em cada petala a reminiscencia de um facto, de uma idea, ou fosse nos dias rubros da propaganda abolicionista, ou fosse nos dias flavos da propaganda republicana.

Era um *adeos*!—ao velho companheiro de tantas lides pelo Ideal, de novo a seu lado, em causa commum, repartindo as grandes responsabilidades de um cargo que é fascinação para os que o veem de longe,—pela Consciencia, pela Liberdade, pela Justiça!

Era um *adeos*!—mas, tão gentil na sua dor; mas, tão suave em sua prece,—que se diria a alma de um anjo, vibrando em surdina as cordas de violino de Cremona.

Era um *adeos*!—mas, tão dolente; mas, tão delicado e puro,—que era como um osculo de noivado, em os solios do Mystério.

—Quem poderá saber o pacto intimo que a *rosa branca* então sellava?

Quem poderá saber o sentido esoterico, o symbolo que em suas petalas estremecia?

Quando o illustre Marechal deixava á beira tumulo a *crus* da existencia planetaria, o Grão Mestre

entregava-lhe a *roza*, chave mystica a descerrar os sanctuarios da Immortalidade !

Eis, senhores, a romagem que finda em os solios de esmeralda do Amanhan ; eis, senhores, a homenagem que a nossa estima e a nossa magoa desfolham, —roxo *pensiero*,—á flor da terra piedosa, assignalada de um ramo de acacia ; eis, senhores, o pallido tributo,—que mais alto não o pode erguer quem tão pobrememente a natureza dotou, e só possui boa vontade em bem cumprir a honrosa tarefa que lhe foi confiada.

Esta homenagem da Delegacia do Grão Mestre, das Lojas deste Oriente e das Lojas regulares do Paraná, vem accentuar, senhores, ainda uma vez e sempre, que a Ordem não esquece os seus obreiros dignos, que os maçons rendem culto á dedicação e ao merito.

Seja esta solennidade um elo mais a prender os corações nos elances do amor universal,—em memoria daquelle que, digno da Familia, da Patria, da Ordem e da Humanidade, viveo como Architecto de Hiram, e como Architecto de Hiram perfez na Terra a orbita de sua existencia.

A idea de morte, senhores, é idea de paz. Quem medita em o ephemero dos dias, em o nada das paixões, é levado, num impulso generoso, a esquecer injurias e offensas ; é levado, senhores, a surtos de abnegação, renuncia e sacrificio, inspirados na tragica e severa licção dos tumulos.

E' que os vivos são governados pelos mortos ; é, senhores, que o futuro transmuda em *rozas brancas* as *cruzes* do passado.

Coritiba, 11--12--1903.

DARIO VELLOZO.

Ⓔ Roza-Cruz maçônica

Para a iniciação no grau de Roza-Cruz quatro camaras são necessarias: a Verde, a Negra, a Astral e a Rubra, na pratica reduzidas geralmente a trez, supprimida a primeira.

Negra	Astral
Verde	Rubra

O thema do grau é que a Palavra que deve permittir a reconstrucção do Templo foi perdida.

O recipiendario a encontra, é o nome de N.-S. Jesus-Christo: INRI, e, graças a esta palavra, atravessa a região astral em sua secção inferior, ou infernal e alcança a camara da purificação christan e da reintegração.

No ponto de vista alchimico é a criação da pedra ao rubro pela descoberta das forças astraes, a sahida da cabeça do corvo e a passagem á phenix ou ao pelicano. No ponto de vista moral, é o nascimento do homem da scentelha do Verbo divino, contida em sua alma, pelo exercicio da prece, da caridade, do sacrificio e da submissão ao Christo.

A camara verde lembra a primeira evolução do recipiendario nos graos symbolicos.

A camara negra vae lhe abrir as portas da segunda morte. Vae indicar mudança de plano. E' decorada de negro, com lagrimas de prata.

A destruição do primeiro Templo é representada pelas columnas partidas e instrumentos de construcção juncando o solo. Apenas trez columnas restam de pé, e no transparente que a encima se lê: FÉ, a S. O.; ESPERANÇA, a S. E.; e CARIDADE, a N. O.

A Leste fica um dos symbolos mais profundos, mesa coberta de reps, em cima, alem dos instrumen-

tos de construcção material (compasso, esquadria, triangulo), o symbolo da criação pelo homem de seu sêr espiritual : a Cruz, tendo uma roza na intersecção de cada um de seus braços.

Esta mesa, afastado um re posteiro, deixará ver o Crucificado, allumiado por dous cirios de cor solar.

PAPUS.

(M. W. M.—94)

Q Sciencia Maldicla

E' o Occultismo tradicional roteiro na pesquisa da Verdade, eschola que procura a solução dos grandes problemas humanos—a Sciencia, a Moral, a Religião.

Travez os tempos, num murmuro severo de rituaes secretos, a tradicional philosophia dos hierophantes de Thebas e Memphis, dos rabinos da Judea, dos Magos de Assur e do Iran, dos brahmanes da India, vem, hyalina e infrangivel, serena, vencendo obstaculos, seitas e fanatismos, numa eterna lucta contra o obscurantismo dos seculos, até nós.

Confrarias mysteriosas vão-na transmittindo, pezar das perseguições, eclosionando o bem, a lucta pela Justiça ; e assim a Kabbala, a Gnose e a Theosophia, as trez correntes, vivem pujantes em meio ao borborinho do mundo.

A Doutrina Secreta, identica na variedade do seu symbolismo, constitue o fundo de todas as antigas religiões, e a encontramos desde a India até a Bretanha.

Parece ter sido nas margens do Ganges, ou no Pamyr que ella, vinda talvez de uma anterior humanidade, coube em herança aos ramidas que a associaram aos elementos que della já possuiam e haviam trazido da Celtida. Com os Aryas se elevou e gravou no ri-

tualismo symbolico do culto. Aquelles que sabem ler encontram-na toda nos versiculos dos Vedas.

As migrações levaram-na para o Iran, para a Kaldea. Ahi bebeo-a no berço a familia semita; o ramo hebreo transportou-lhe os germens para a terra do Egypto cujos templos conservam integralmente a Doutrina pela tradição atlante.

Moschê, semita, possuindo os principios da tradição ramida, indiana, coada travez a Kaldea, iniciado pelos sacerdotes de Isis na dos atlantidas, recebendo de Iethro, no dezerto, a dos nomades, reunio-as todas na admiravel doutrina secreta dos hebreos. Esta ainda soffreo depois influxos oriundos directos do Ganges, talvez durante os captiveiros de Babylonia.

Para convencer da existencia de multiplos laços entre o esoterismo hebraico e o indiano, basta a inspecção dos livros de um e outro. E' de maravilhar a extranha e intensa semelhança de formas exteriores da Kabbala e do rito dos Pêtris. Semelhança de formas exteriores disse, que quanto ao fundo secreto, todas as tradições são identicas, não é de mais repetil-o.

A migração japhetica, isto é, sul-europea, levou tambem da India para a Hellade a doutrina, reunindo-a aos ensinamentos orphicos, parcellas da tradição atlante que Orpheo trouxera das margens do Nilo. A Etruria chegou onde se reconheceo no esoterismo celtico já ahi implantado. Na peninsula italica não tardou porem a de todo se abastardar para só reaparecer com Pythagoras, iniciado nos centros egypcios.

Assim, no fundo de todas as religiões primitivas do cyclo humano em que vivemos, o cyclo de Ram, encontramos, fundamentaes, os mesmos principios esotericos, herança talvez de um cyclo anterior, bebidos nessas duas grandes fontes, o Ganges e o Nilo.

Não cabe aqui indagar da origem desses princípios. Não tentarei penetrar mais atrás nos tempos para procurar essas origens discutindo as hypotheses de uma humanidade anterior, de uma revelação primeira e outras que se apresentem.

Continúo. Com os seculos o symbolismo foi tomado pelo espirito, o ritualismo pelo culto e dahi todas essas crenças tão vãs e tão diversas que pullulam no mundo antigo.

Vem a tempo dizer que na India o buddhismo, tomando os ensinamentos dos brahmanes, exteriorizando a doutrina occulta, modificando a organização primordial, com tendencias a divergir na orientação, originou um schisma de que veio a resultar a Theosophia modernamente, actual representante no Occidente da corrente oriental. Se soubermos examinal-a, veremos que ella conserva thezouros valiosissimos da Doutrina Esoterica, principalmente quanto á parte scientifica e que, longe de animarmos a divergencia que buscam introduzir entre Theosophia e Occultismo, deveramos envidar esforços para os reunir e congregar.

Uma seita de kabbalistas, a dos Essenios, deo as chaves da doutrina ao Christianismo que assim se equiparou ás antigas religiões.

Dahi a sua força. Os ensinamentos de Jesus de Nazareth são profundamente esotericos. Aos gnosticos couberam as chaves do esoterismo christão; bannindo-os de seo seio a Egreja conservou apenas a letra morta. Hoje ella não lê o Apocalypse.

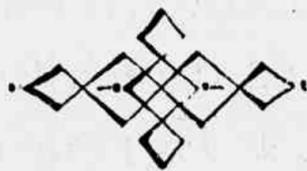
Agora é com Pythagoricos, Theosophos, Kabbalistas e Gnosticos que havemos de reconstituir a antiga tradição; mas indo a todos, pedindo-lhes a parte que todos teem e não nos encerrando no exclusivismo partidario de uma corrente como numa seita fanatica.

A doutrina secreta dos antigos templos tem vindo, *pari passu* com a humanidade, até hoje, e comquanto a parte fundamental seja sempre a mesma, impossivel de modificar, as formas que reveste têm se modificando, acompanhando o evoluir humano.

Desde que o tufão do obscurantismo se ergueo contra ella, foi perseguida, outrora pela fogueira e pela tortura, depois pelo ridiculo e apparente desprezo; mas, hermetistas, alchimistas, astrologos, templarios e cavalleiros da Roza † Cruz souberam guardal-a e transmittil-a aos posteros. Hoje vae a se accentuar por ella o respeito do mundo que percebe nella algo haver que elle não comprehende e por isso mesmo respeita. E esse respeito, ainda por alguns sorrisos alvares perturbado, ha de augmentar até que ella readquiera o antigo esplendor dos aureos tempos dos sanctuarios de Memphis e Jerouschalain.

1903—*Sagittario, 13.º grao.*

VIVALDI COARACY.





PHILOSOPHICA E SCIENTIFICA

DA EMANCIPAÇÃO DA CONSCIENCIA (1)

Senhores!

Um dia, lá nos confins remotos da longinqua Judá, surgiu como um novo Sol de extranhos brilhos reverberantes, iris de muito amor, fanal de immensa piedade, o vulto glorioso e Redemptor de Jesus de Nazareth.

A par do riso blandicioso que irradiava em seos labios divinos por honra e gloria das tenras creancinhas adoraveis, se estampava tambem a dor duma tortura immensa, em vendo a viuvez na miseria, desamparada a orphandade, e os homens sepultados na hediondez barbara do paganismo.

Foi então que elle, o grande Gallileo, robustecido por acurados estudos e saturado de infinita misericordia pela negregada existencia que arrastavam os homens de seo tempo, não trepidou em expor sua vida preciosissima á ferocidade selvagem do sacerdocio pagão, para redimil-os dos erros a que viviam escravizados.

Sobre sua vida, toda amor, toda piedade, toda humildade, nada absolutamente me é possivel dizer, senhores, que de vós outros não seja sabido.

Todos vós conheceis a luminosa trajectoria do divino Mestre, desde o mizerrimo estabulo de Bethlem até ás cimas escarpadas do Calvario.

(1) Conferencia realizada em sessão da Aug. . . e Resp.:. Loj. . . Luz Invisivel, em 29 de Novembro de 1903.

Succedeeo, porem, que seculos depois os homens encarregados de transmittir de geração em geração toda a pureza de seos ensinamentos, se olvidaram por completo dos mais rudimentares preceitos de sua excelsa doutrina, transformando em instrumento de tyrannia o sagrado vexillo da Redempção Christan.

E' o que eloquentemente nos affirma a Egreja Catholica-Apostolica-Romana, ora em completo antagonismo com os mais comesinhos principios do Evangelho, que, ao que parece, em breves dias será condemnado á inclusão no *index ex-purgatorio*.

Deturpada a pureza immacula dos Evangelhos, negadas á face do mundo as solennes verdades de Jesus, nada mais se pode esperar, de misericordioso e bom, do seio polluido, antro de immoralidades e de crimes, dessa Egreja que arrasta atraz de si todo um cortejo sinistro de victimas e cercada duma tradição horrorosa em que o sangue de milhares de innocentes espadana salpicando-a toda para que as gerações futuras não se illudam.

Eu fui crente tambem Catholico Romano. Impuzeram-me essa crença no meo berço de infante! Suguei-a nas primeiras gottas do leite materno!

Amei, depois, com todo o fervor da minha alma credula todas as exterioridades desse culto que tão bem, tão profundamente me falava aos sentidos pela voz perfumosa dos incensos, pelo cantico sentimental dos orgãos melancholicos, pelo ouro do Graal, pela riqueza das paramentas, pela enscenação pomposa de toãos os actos, pela mudez eloquente e artistica das imagens miraculosas, a cujos pés eu me prostrava sempre effluviado da Fé mais absoluta e pleno da mais sincera de todas as convicções: Porque a Crença, senhores, philosophicamente definida, é o assenso que o nosso espirito presta ao que nos parece verdade. E a verdade que o meo espirito buscava anciosa-

mente estava alli, na treva das batinas dos jesuitas, que me afagavam sorrindo, é certo, mas com aquelles affagos terriveis que os carniceiros dispensam ás rezas antes de serem immoladas.

E, nem sei se vos diga, depois que a minha consciencia logrou a suprema felicidade de emancipar-se, não foi sem uma dor enorme no coração que abandonei para sempre o Templo em que recebi as lustraes do baptismo, e onde, constricto, orei pela primeira vez!

E, em verdade, senhores, que tem produzido a Egreja dos sectarios de Santo Ignacio de Loyola, depois do schisma do 2.º Século do Christianismo?... Eu vos direi sem o menor rebuço: adulterios e fanatismos; incestos e perversões; lagrimas e desesperos; mentiras e assassinatos; guerras intestinas, escravidão de consciencia, trevas, crimes, immoralidades, e, sobretudo, como uma apothese sinistra de flavos reverberos chammejantes, as grandes fogueiras inquisitoriaes!

Nutro, por isso, Senhores, a convicção intensa de que tanto mais affastado fiquei da Egreja de Roma, quanto mais proximo me puz do verdadeiro Christianismo: Porque eu não sou um incréo. Cultuo soberanamente a sacratissima religião do Nazareno, desse Jesus piedoso e puro, sabio e humilde, desse Christo que, emfim, eu amo até cahir de joelhos!

Proclamar a *Liberdade de Consciencia*, senhores, se impõe a todos, e a cada um, como um dever sacrosanto.

Proclamal-a é garantir o futuro de nossa Patria bem amada, cerceando os funestissimos intentos do Vaticano, pois o Papado não se conformou ainda, nem se conformará jamais com a separação da Egreja e do Estado no seio liberrimo da Republica Brasileira!

Sobre o amor incondicional que todos nós deve-

mos tributar á patria que nos servio de berço, serão superfluos quaesquer encitamentos.

E' muito recordar que entre os proprios Kirghis, barbaros que vivem em tribus errantes pelo meio das *stepps* ou planicies incultas que se extendem desde o Caspio e o Aral até os confins remotos da Siberia Moscovita, os sentimentos patrios são, muito rude, mas muito sinceramente manifestados.

«Quando alguns delles, aprisionados pelos Russos são levados para Qrenburg ou para Austrakhan, nada lhes pode riscar da lembrança o paiz querido de seo nascimento! E se algum delles consegue evadir-se e de novo voltar, apenas passa a fronteira cobre de beijos e rega de lagrimas a terra saudosa de suas hordas!» (1)

Já por vezes, Senhores, a marselhesa triumphal das victorias liberaes, em harmonia completa com todos os corações bem formados, vibrou por terras Brasileiras.

Uma no memoravel 7 de Setembro, quando o Povo, unido e forte, nos mais ardentes éstos de patriotismo, proclamou a sua emancipação da tutela da corôa Portugueza.

Nesse dia solennissimo o hymno da Liberdade echoou victoriosamente pelos cêrros do Brazil!

Depois surgio o 13 de Maio—aurora fulgentissima que illuminou gloriosamente a fronte até então curvada de infelizes Africanos, pungidos, como se fossem alimarias, ao pesadissimo carro da mais vergonhosa Escravidão. Na alvorada desse grande dia, cahiram, tilintando, por terra, os grilhões mizerrimos que arroxavam os pulsos fortes desses homens, re-dusidos, contra todos os principios de Humanidade, á tristissima condição de bestas de canga!

(1) *Campagne—Dic. de Educação e Ensino.*

E, assim, a Escravidão emancipou-se do jugo prepotente dos traficantes. E o hymno da Liberdade mais uma vez ainda reboou, em harmonia com a voz patriótica dos abolicionistas.

Por fim, como corollario natural dessas conquistas gloriosas, a 15 de Novembro de 89 partio de labios Republicanos o brado liberrimo de: VIVA A REPUBLICA. E o Povo Brasileiro se emancipou da dymnastia e do despotismo do Throno Bragantino!

E de novo, Senhores, o hymno augusto da Liberdade vibrou triumphante sob as scintillações do Cruzeiro que illumina as noites Brasileiras!

Sem embargo, porem, de tudo isto, temos visto, e com relativa indiferença, até no proprio seio do nosso parlamento, os interesses do Vaticano sobrepondo-se aos interesses nacionaes. Demonstra-nos isso, infelizmente, que o clericalismo não perdeu de todo a poderosa influencia que lhe propinava o antigo Regimen. Haja vistas, senhores, para corroborar esta asserção, para a debatida e mallograda questão do Divorcio, ha tempos no seio do Senado Federal.

Os sectarios do Papismo, combateram a todo o transe o Cazamento Civil, pois para elles esse sacramento, falando religiosamente, era um inexgottavel pinga-pinga das Sachristias. Depois, por uma incoherencia injustificavel, elles proprios que terçaram armas impotentes contra a sua instituição, vieram de novo a campo em prol de sua indissolubilidade, combatendo o Divorcio, cujo estabelecimento seria esplendorosa victoria alcançada pelos Brasileiros sobre as hostes do Romanismo. Que foi o fanatismo das mulheres que influenciou nos espiritos de seos esposos e o ridiculo e monstruoso convencionalismo destes que occasionou a queda do projecto que certamente elevaria nossa Patria ao nivel de outras nações civilizadas, é tudo quanto me parece justo dizer-vos.

Isto, Senhores, porque a emancipação da consciencia, entre nós, não assumio proporções compatíveis com as leis de liberdade que nos regem.

Peza, portanto, senhores, sobre nossos hombros de Livres-Pensadores, a responsabilidade duma conquista derradeira, conquista que devemos alcançar custe o que custar, "*aconteça o que acontecer*".

Ao lado de todo aquelle que terçar armas em seu nome, em nome desse Ideal—eu o affirmo solenemente—estará também a sublime Instituição Maçonica, pois ella nunca negou o seu concurso valiosissimo e seu apoio incondicional, a tudo quanto o espirito humano tem concebido e proclamado em nome da Liberdade.

Esse Ideal que em breves dias será entre nós uma dourada realidade, é, simplesmente, o da emancipação da consciencia, da consciencia, senhores, vede bem, que vive ainda em grande parte atrophiada, mercê das escolas jesuiticas e da via tenebrosa do confissionario.

Urge, portanto, senhores, uma violenta reacção libertaria contra a impunidade dos attentados praticados pelo Clero sobre a mal dirigida consciencia da Infancia! Faz-se mister um grito de revolta contra a sagacidade perversa da Curia Romana, que procura, a ferro e fogo, reduzir a mulher á mizerrima condição de escrava obediente, cega aos encantos do Mundo, surda ás harmonias da Luz, insensivel a todos os affectos que não sejam *piadosamente* aconselhados pelo seu *sanctissimo* Confessor!

Não, meos senhores!

O Christianismo erguendo a Mulher da condição abjecta em que se achava nos tempos ominosos do Polytheismo Pagão, não foi, decerto, para *eleva-la* somente á dignidade de—"Zeladora do Sagrado Coração de Jesus." A sua missão, pela responsabilidade

do logar de honra que occupa no banquete da Vida, é muito mais alevantada e grandiosa.

Não era embalde que o grande Napoleão Bonaparte ensinava que o futuro da França estava no regaço das Mães.

Mas como poderemos nós garantir o futuro de nossa Patria quando o Clero, mercê do fanatismo que propaga, consegue roubar ás nossas queridas patricias o direito sagrado de ser mães, fazendo-as permutar as alvas e candidas roupagens do noivado pelo habito negro de Irmans de Caridade?

E' indispensavel, senhores, a EMANCIPAÇÃO DA CONSCIENCIA Femenina.

E' indispensavel, senhores, que o Povo deixe de pensar pela cabeça dos Irmãos de Torquemada!

Realisada essa conquista ultima, poderemos repousar em Paz, na doce convicção de que os dias de felicidade de nossa Patria não serão perturbados pelo Poder Temporal do Papismo, e o Brazil, enfim, redimido do fanatismo e da superstição, ha de se erguer, victorioso, cantando pela bocca de seos filhos a epopea de luz da mais brilhante Civilização.

Eia, pois, senhores; "Pela Consciencia" seja o grito da nossa indignação contra o escravagismo Ultramontano.

Ensinemos a todos a exclamar como Gambetta ante a sinistra figura de um roupeta: «*Voilà, l'ennemi!*» e a repetir com Michelet: «Peste e veneno da sociedade moderna».

Que importa que o Clero nos *fulmine* com seos anathemas! Que importa que do alto empestado de seos pulpitos os jesuitas se estafem gritando:

Anarchismo! Anarchismo! Que importa?!

Nós, então, tranquillos e serenos, como leaes Apostolos da Verdade e do Bem, lhes responderemos sorrindo:

— Christianismo ! Christianismo ! sorrindo, sim, meos senhores, porque por nosso bem, pela felicidade de nossas familias, pela estabilidade da nossa Republica e por honra e gloria da sociedade moderna, as fogueiras da Inquizição se apagaram para todo o sempre e os jesuitas embalde acryzolam esperanças de reaccendei-as um dia !

29—11—1903.

LEITE JUNIOR.

Universalidade do catholicismo

Por isso (por causa de seos grandes crimes) o Catholicismo, que não é mais do que o brahmanismo hodierno, a corrupção dos grandes principios religiosos, se acha no ultimo periodo de decadencia, contando apenas neste seculo XIX a decima parte dos habitantes do planeta, e isso, cremos, exaggerando o calculo, pois dos duzentos milhões a que elevam o numero de catholicos, a metade seguramente não confessa nem communga na Egreja catholica, apostolica, romana ; e desses, se dar se pode credito ás estatisticas, preciso é abater o immenso numero de catholicos que o são quanto á forma externa unicamente, porem de forma alguma em o que affecta o puro sentimento religioso. Constatados pelo *Syllabus*, os fieis romanos ficariam reduzidos a insignificante numero.

O schisma do Oriente, o do Occidente, a Reforma, a philosophia moderna, os ultimos dogmas e o Espiritismo, teem arrancado classes, nações, raças inteiras á Egreja catholica.

«Que lhes fica ?—inquire René Maral. — Na Europa duas ou trez partes de nações que morrem ou decahem ; na Africa e na Azia algumas almas abriga-

das á sombra das missões ; na America os colonos que baptizara na Europa. E é tudo ! Qualquer egreja, por infima, nascida hontem, apresenta mais condições de eternidade.» (1)

A mesma rapidez que mostrou o Christianismo em sua propagação, mostra o Catholicismo ao dissolver-se.

Visconde de Torres-Solanot. (2)

Jesuitas e rei na America do Sul

1706 a 1750

Conta-nos o sr. Barata, na sua obra de 1887, intitulada *Jesuitas na Côrte*, que depois da morte de el rei D. Pedro II, em 1706, entre outros filhos, ficou D. Francisco, prior do Crato, senhor de grandes riquezas.

D. Francisco ambicionava subir ao throno, apezar de ser uma nullidade : era de natureza maldosa, e ambicioso por educação jesuitica. Dizia elle, que a Companhia de Jesus lançara um braço em terras de Santa Cruz ; e que, quando D. João V subio ao throno, já os jesuitas haviam avassallado ahi alguns milhões de proselytos. Seo confessor fôra o jesuita Simão dos Santos ; e seo mestre havia sido o jesuita Luiz Gonzaga. Portanto, sendo a sua ambição reinar, não desprezaria o sceptro, que os frades jesuitas lhe offerecessem, visto serem elles os que imperavam em grande parte daquellas paragens sul americanas, segundo elle imaginou.

(1) *Prêtre ?*, de René Maral (1876).

(2) *El Catholicismo antes del Ckristo* (pag. : 321).

Felizmente nessa época germinava nas Americas a idea da sua emancipação; tinha Guilherme Penn arvorado o pendão da independencia dos Estados Unidos Norte Americanos, e conferido leis sabias á Pensylvania. Não foi sem criterio, que o Conde dos Arcos asseverou ao prior do Crato «*que as nacionalidades se formam pela espontanea vontade dos povos, e não «pela extorsão».*

Já nessa época se sabia que as nossas possessões e seos habitantes não eram patrimonio, que se podesse alienar como colonia de escravos. E todavia, no fim do seculo XIX, já houve quem pensasse nisso, e até apresentasse um projecto, á face de um parlamento!

A ambição dos jesuitas era a posse de todo o territorio abraçado pelo rio Uruguay, desde o Rio Grande do Sul até se unir ao Paraguay com a navegação do rio Iguassú. Ahi quizeram estabelecer um estado theocratico, independente de Portugal e Hespanha com o seo proselyto no throno, aquelle prior do Crato. Mas era preciso convencer D. João V, de que aquelle seo irmão fosse o vice-rei daquella sonhada theocracia. Para isso não se importariam de retalhar aquelles dominios, dando á França as terras do sul e Cayenna, e o commercio e navegação pelo Amazonas e Maranhão. A proclamação devia ter logar em 7 de Novembro de 1712.

Porem não quizeram os destinos da America, que o projecto jesuitico fosse levado a effeito por fortuna dos americanos e europeos. Entretanto, como Portugal e Hespanha andavam empenhados nas suas luctas ibericas, sobreveio a paz de Utrecht, assignada entre D. João V e D. Fillipe V.

Mais uma vez viram os jesuitas desfolhadas as suas esperanças. A marcha do progresso, e do espirito humano, tinha de passar por cima delles, esmagando-

os como reptis, com as rodas do seo carro triumphal, refulgente ; cuspindo-os em seguida para longe, como disse o duque de Cadaval.

E' certo que ainda chegou a vir a Lisboa a esquadra de Malta ; e o pretendente prior do Crato correo pressuroso a hospedar os soldados da ordem, exultando os jesuitas seos mestres com isso, dizendo que empenhariam o breviario, como D. João de Castro as barbas. Mas um jesuita recalcitrante, e em desaccordo com a conspiração foi denunciar seos planos ao ministro Mendonça Côrte-Real.

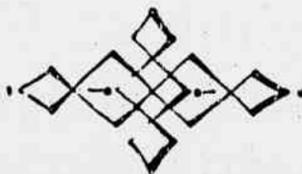
Perdida toda a esperança, volveo a Companhia de Jesus a sua vista para el-rei D. Josá pela morte do fanatico D. João V, acontecida em 1750. Porem atraz do principe crescia a sombra ingente de Sebastião José de Carvalho e Mello, o grande ministro, conde de Oeisas, e depois marquez de Pombal ; que os havia desmascarar, marcar no rosto hypocrita, e expulsar para sempre.

O decreto de 10 de Outubro de 1710 já havia expulsado e exterminado muitos frades, que em Minas Geraes, e no estado de S. Paulo causaram perturbações pelo seo mau proceder e ambições desregradas.

As juntas ecclesiasticas do Maranhão fizeram ahi muitas vexações ao povo americano, desprezando completamente as concordatas e as leis.

F. Lopes da Gama.

(Os CORVOS)



ARGUS

Imprensa—Temos recebido regularmente e permutamos :

L'Initiation,—Paris—Rue Savoie, 5.

Rosa Alchemica,—Douai—Rue S. Jean, 19.

Sophia,—Madrid—Calle Atocha, 127, dup.

A Doutrina,—Coritiba.

A Idea, O Progresso,—Pernambuco.

Lanterna, Verdade e Luz, Paulopolis,—S. Paulo.

Pelicano,—Campos.

Revista do Centro Militar,—Realengo—Rio.

Morretense,—Morretes.

Sirius,—revista de Arte—Ouro Preto.

Historia de um fogo-morto—José Caldas—Porto—LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão,—1904.—Alentado volume de 564 paginas, escriptas com criterio e indiscutida competencia.

José Caldas, auctor dos *Jesuitas*, — trabalho de merito,—estuda na *Historia de um fogo-morto* largo periodo da historia de Portugal. São fastos politicos e militares que decorrem de 1258-1848.

O Contestado Norte - Paraná-S. Paulo—*Monographias Paranaenses*—pelo Dr. Ermelino A. de Leão.—Com prazer noticiamos o bello opusculo em o qual o illustre paranaense, um dos caracteres mais puros desta adoravel terra, corre a demonstrar os direitos do Estado em a zona litigiosa na fronteira de S. Paulo.

Ermelino de Leão, em o viver austero e suavissimo de seo lar bemdicto, tem sido sempre um estudioso, um AMIGO DA VERDADE, arredado ao fremito das rodas litterarias e politicas. E' um incançavel, um trabalhador consciencioso, procurando sempre aprofundar os assumptos, não falando de outiva.

Em assumptos de prehistoria e historia do Paraná recommenda-se pela erudição que se fez com amor, honestamente, apresentando sempre o fructo real de seo trabalho.

Mais uma vez a *Eterna Justiça* da Historia se accentuará : o homem de merito, cedo ou tarde, terá o logar que merece ; os que se cobrem de europeis desaparecerão no olvido. Ermelino de Leão receberá o premio a que tem incontestavel direito.

Viriatho—Alma Portugueza — Theophilo Braga—Porto—LIVRARIA CHARDRON.— Ter as obras editadas pela livraria dos Srs. Lello & Irmão é recommendal-as. Grandes escriptores luzos fazem lá imprimir seos trabalhos.

Viriatho, narrativa epo-historica, é luminosa evocação do passado da Patria-portugueza, naquelle dizer castiço e incorruptivel dos mestres.

Recommendar os trabalhos de Theophilo Braga e José Caldas seria ridiculo ; indicamol-os apenas.

Kosmos — *Revista artistica, scientifica e litteraria*.—O Dr. Mario Behring acaba de publicar uma revista que muito se recommenda e vem preencher sensivel lacuna em a imprensa nacional, dando ao Brazil um periodico em condições de egualar aos melhores de Europa.

E' o *Kosmos* PUBLICAÇÃO MENSAL, aberta a todas as intelligencias, contando recommendaveis e illustres collaboradores, «litteratos de nomeada, profissionaes competentes em todos os ramos de conhecimentos humanos.» E' illustrada largamente, occupando-se dos Estados, — procurando expressar com brilhantismo o que é a Patria Brazileira.

Assignaturas, *anno*. 20\$000

Correspondencia : 24, *Alfandega*

CAPITAL FEDERAL

O Diabo e a Igreja — Traduzido da *Revue Spirite*, e publicado pelo redactor da *Verdade e Luz*, organo espiritualista que tanto se recommenda pelo criterio de suas publicações.

O *Diabo e a Igreja*, interessante opusculo de propaganda anti-clerical, elucida alguns pontos de *politica-romanista*.

Concile Gnostique de Toulouse (1903) — Noticia da peregrinação dos Gnosticos de França aos logares sanctos para os descendentes espirituales dos martyres albigenses; noticia egualmente o grande concilio de 26 de Agosto, convocado pelo Patriarcha da Igreja Gnostica de França.

Que a Santa-Gnose, — *Sciencia*, — possa alfim illuminar as igrejas de **Kristos**, abrindo com as *chaves* mysticas os sanctuarios da Tradição, ha cerca de XVIII seculos fechados ao sectarismo politico-religioso da christandade.

Agoa occulta — «Narra uma folha de Lisboa ter estado em Ovôa, freguesia de Santa Comba Dão, um vidente de dez annos, que é, como se vae ler, um verdadeiro prodigio.

Não prophetiza futuras convulsões politicas nem faz concorrência aos bruxos, deitando-se a adivinhar, mas beneficia os agricultores, indicado os pontos onde passam as nascentes de agoa.

Percorre o terreno, não consentindo ninguem na sua frente, e diz se ha agoa, quantos veios, se dá em rocha ou terra solta e a profundidade a que corre!

O pequeno, filho de um humilde camponio dos arredores de Vizeo, ainda não tem educação litteraria. Segundo diz o aldeão, passou um livro de tres tostões e anda a estudar o de cruzado!

O pae informou que lhe descobrio a prenda aos cinco annos. Andava num campo a abrir um pço, e, apezar de ter profundado alguns metros, nao encon-

trava agoa. O pequeno, que brincava ao pé dos trabalhos, ouvindo-lhe as lastimas, disse-lhe que abrisse poço num ponto que indicou, porque lá corria agoa. O homem não queria fazer caso do conselho, mas, teimando o filho, dizendo que via a agoa, abriu uma vala com feliz resultado.

Foi o principio da sua fortuna, porque está no caminho de muito bem se governar.

O pequeno vidente tem ido a muitas terras do paiz, ganhando uma libra por dia e viagens pagas. No anno findo tirou um conto de reis.»

(Diario da Tarde, 27 de Novembro de 1903)

Congraçamento maçónico — «O Grande Oriente da Bahia, convidado pelo Grande Oriente do Brazil, representado pelo seu grande secretario, sr. Pinto Mendes, que actualmente se acha naquella cidade, acaba de resolver o congraçamento geral.

Reunidos o representante do Grande Oriente, o grão-mestre do Oriente da Bahia e os veneraveis das diversas lojas, foi lavrada e assignada a acta extinguindo este Oriente, sendo, porem, reconhecidos os actos praticados durante a sua existencia.

No dia 25 no templo da loja União e Segredo, realisou-se reunião do povo maçónico, revestida de toda a solennidade e presidida pelo sr Pinto Mendes, para tornar conhecidos os actos combinados.

Foi nomeada uma commissão de membros de ambas as parcialidades para concluir o tratado respectivo. Reina satisfação no mundo maçónico bahiano pela solução fraternal »

(Diario da Tarde, 27 de Novembro de 1903.)

Templo do Sol na Bolivia. — «Na cidade de Tihuanaco, á margem do lago Titicaca, na Bolivia, descobrio-se uma cidade inca em estado de perfeita conservação.

O archeologo francez Cogny que está dirigindo as excavações já poz a descoberto o templo do Sol, bello monumento que bem attesta o grao de civilização das antigas raças americanas.

O Sol, primeira divindade inca, possuia templos em todo o territorio onde hoje demoram o Perú e a Bolivia, sendo o seo culto de um extraordinario esplendor. As cerimonias cultuaes do Sol eram celebradas pelas virgens sacerdotisas, em numero de mil.»

(Extr.—1903)

Marechal Valladares—Conforme estava annunciada realisou-se hontem, ás 8 da noite, no templo da loja Maçonica Fraternidade Paranaense, a sessão funebre, em homenagem á memoria do grão-mestre adjunto da maçonaria Brasileira general Henrique Valladares.

Presidio a sessão o sr. José Carvalho, delegado do Grande Oriente do Brazil.

Foi dado a palavra ao orador official sr. Dario Vellozo, que leo brilhantissimo discurso, perfeito na forma, perfeito no fundo, tractando do illustre morto sob o ponto de vista maçonico.

O talentoso e erudito orador, por espaço de meia hora, encantou o numeroso e selecto auditorio com o magistral panegyrico do fallecido.

Ao terminar a luminosa oração, irromperam vivos applausos.

O templo da Fraternidade achava-se repleto de assistentes, entre elles grande numero de maçons, officiaes do exercito, e algumas exmas. familias.

Tocou na cerimonia a banda de muzica do 13º regimento de cavallaria. »

(*Diario da Tarde*, de 12—12—1903).